

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Civil

1**ENTRE PARÊNTESES**

Sapo no bebedouro

5**ARTIGO**

Brasil conquista quatro medalhas na Olimpíada Internacional de Matemática

7**CONTO**

O cônego ou metafísica do estilo – Machado de Assis

4**ARTIGO**

Plano busca viabilizar uso de biocombustíveis na aviação

6**ESPECIAL**

Exposição cultural

8**ENTREVISTA**

Franklin Mitio Tanioka

“O maior legado da Poli é você saber correr atrás das coisas.”

Franklin Mitio Tanioka entrou na Poli em 2008, no curso de Engenharia Civil. Termina a graduação este ano e há um ano e meio faz estágio em uma empresa de investimentos no mercado imobiliário, onde atua na parte de gestão de projetos residenciais. Em sua avaliação, no mercado não faltam vagas para o engenheiro civil. A carreira – diz ele – oferece um leque amplo de alternativas profissionais.

JC – Como você escolheu a carreira Engenharia?

Franklin – A Engenharia teve influência de casa – meu pai é engenheiro. E como sempre me dei bem com Exatas, tinha mais afinidade, foi uma escolha natural, não foi forçada.

Você prestou quais vestibulares, além da Fuvest?

Unicamp, UFSCar, Mauá e Unesp.

Quando você entrou no Etapa?

No 1º ano do Ensino Médio.

O que motivou você a vir estudar aqui?

Minha irmã. Ela fez Etapa e entrou na USP, em Publicidade, na ECA.

Como foi seu início no Etapa?

Tive um pouco de surpresa no início, porque vinha de um colégio de bairro, pequeno. Mas depois a adaptação foi fácil até. Os professores dão todo o suporte.

Especialmente no 3º ano, quando ia prestar os vestibulares, você mudou alguma coisa no seu método ou na sua intensidade de estudo?

No 3º ano a gente faz um esforço a mais. Ficava no colégio até a noite estudando. Um pouco a mais que

no 1º e no 2º ano, porque era o ano da decisão, não podia vacilar.

O que você estudou no 1º ano de Engenharia?

No 1º ano, muita Matemática, Cálculo Numérico, Álgebra Linear, Física. Um pouco de Química, um pouco de Ciência dos Materiais, um pouco de tudo para ter a base do curso. É bastante teoria, pouca prática.

Como se desenvolveu o curso, nos anos seguintes?

No 2º ano o curso continua bastante teórico, com Cálculo e Física, mas já entram coisas mais específicas, ideias básicas de Resistência dos Materiais e um pouco de Engenharia Ambiental. Tem também Desenho Técnico. Um ano bem puxado.

E depois?

O 3º ano já é mais voltado para a Civil. Começam Gestão de Projetos, parte de Engenharia Hidráulica, Gestão de Transportes, como funciona o planejamento, a logística do transporte. No 3º ano tem também Economia. Basicamente, você começa a ver o universo da Engenharia Civil, quais os campos que você pode seguir lá dentro. No 4º você vê pontos mais específicos da Engenharia Civil, como pontes, mecâ-

nica do solo, fundações. Você aprofunda o que estudou no 3º ano.

No 5º ano a carga de matérias continua igual à dos anos anteriores?

No 5º ano tem algumas matérias como Direito e Administração. E matérias optativas. São optativas eletivas oferecidas exclusivamente pela área de Civil da Poli. Nessa fase o curso fica um pouco mais focado no que você planeja para sua carreira profissional. São oferecidas matérias de estrutura para quem quer trabalhar com projetos, matérias de transporte, matérias de pavimentação, você pode seguir para Hidráulica. Você vê um pouco de tudo e no final pode se aprofundar no que te interessar.

Você ainda está devendo alguma matéria?

Sim, oito créditos. São duas matérias de dois créditos e uma de quatro créditos.

Como você define cada ano no curso de Civil da Poli?

O 1º ano é de adaptação e tem muita desistência, porque é o ano mais chato, com muita teoria e pouca prática. O 1º e o 2º ano são de adaptação e resistência, para aguentar o tranco. O 3º já é o ano de conhecimento de novas áreas. O 4º ano é de aprofundamento, você aprende detalhes de cada matéria. No 5º ano você tem a chance de escolher as matérias que quer fazer, a área que vai seguir, que tipo de profissional você vai ser. É a hora de procurar estágio.

Você fez estágios durante o curso?

No 3º ano fiz um estágio de oito meses no Departamento de Engenharia Hidráulica, na FCTH, Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica.

É uma fundação dentro da USP?

Fica fora da Poli, mas dentro da USP. Os professores são os mesmos, dão consultoria lá.

O que você fazia nesse estágio?

Dava suporte para as equipes que atuavam nos modelos de cheias, da vazão do rio Tietê, prevenção de enchentes. Foi meio que estágio e iniciação científica.

Tinha de ir a campo?

Não. Na minha parte não, eu mexia com modelos computacionais.

Sendo meio iniciação científica, você tinha de apresentar algum projeto?

Não, porque a própria fundação é um departamento de pesquisa. É uma empresa mesmo lá dentro. Presta serviços para a prefeitura, para o governo.

Você ficou na Hidráulica no 3º ano. E depois?

Passei um semestre só focado nas matérias, depois procurei estágio no mercado. É o que continuo fazendo atualmente.

Onde é esse estágio?

Há um ano e meio entrei na VBI Real Estate (Vision Brazil Investments). É uma empresa que capta investimentos no exterior e foca esses investimentos unicamente no mercado imobiliário – *shoppings*, edifícios corporativos, prédios residenciais, loteamentos.

O que você faz?

Estou na parte de gestão de projetos residenciais. A gente trabalha com compra de terrenos e desenvolvimento do produto. Estimar custos de obra, quanto vai custar construir aquele prédio, qual produto se encaixa melhor no terreno, se terá duas ou três torres, subsolo, qual o padrão. E a partir daí faz-se um orçamento, uma estimativa de quanto vai custar a obra. A VBI desenvolve o projeto – contrata projetista fora – e com o projeto feito abre licitação para contratar uma construtora.

Você participa de qual parte desse trabalho?

Participo de tudo.

No final do seu curso, você tem chances de ser efetivado?

Penso em ser efetivado. A empresa foca no desenvolvimento do estagiário para que ele possa ser efetivado.

E qual é seu foco este ano na Poli?

É me formar.

Você tem de fazer TCC?

Já fiz no 5º ano.

É individual ou em grupo?

Da Civil é em grupo de quatro ou cinco pessoas.

Qual foi o tema do trabalho?

O meu grupo era bastante diversificado, tinha uma menina focada em estruturas, outro gostava mais da parte financeira, outra integrante gostava mais da parte de transporte, logística e eu da parte de investimento, gestão. A gente não queria escolher um tema que fosse específico de alguém. No final, fizemos um estudo do projeto do trem-bala brasileiro, de como seria o processo licitatório, qual a tecnologia escolhida.

Qual a importância do estágio na formação?

Eu, particularmente, considero tão importante quanto as aulas. Você vê o que vai fazer no mercado, a forma

de atuar, se você realmente gosta da área. Formar-se sem ter feito estágio seria ruim.

O que você pretende fazer no ano que vem?

Espero estar formado e pretendo dar um gás a mais no trabalho. Esse início exige que a gente se esforce um pouco mais, mostre serviço. Pretendo então passar um ano focado no trabalho e depois fazer uma pós-graduação ou MBA, uma especialização na Poli.

Como está o mercado de trabalho para o engenheiro civil?

Não falta vaga para a Engenharia Civil hoje. Apesar de o mercado ter dado uma desaquecida este ano, continua bem movimentado. E a atuação do engenheiro civil é muito ampla. Você entra lá com aquela ideia geral que todo mundo tem, de que engenheiro civil vai tocar obra. Na verdade, são diversos campos de atuação, você pode ir para áreas financeiras, logísticas, de transportes, saneamento ou incorporação, que é a área em que atuo hoje. Enfim, é um curso que lhe oferece um leque de alternativas profissionais bastante amplo. O estudante da Poli, acima de tudo, independente da área dentro da Engenharia, com certeza fica capacitado a exercer funções diferentes em sua carreira. Seja na área financeira, consultoria estratégica, *marketing*, empreendedorismo, gestão, entre outros. As oportunidades de estágio e *trainee* no mercado, na grande maioria das vezes, colocam a Engenharia como um dos cursos elegíveis à vaga.

Como está a parte financeira?

Acho que poderia ser melhor. Para um curso de tantos anos poderia ser um pouco mais do que é o piso hoje. Mas também depende da área. Por serem os engenheiros bastante flexíveis, os salários também são. Variam bastante.

Como você se vê daqui a 10 anos?

Já tendo feito pós-graduação e num cargo de liderança. Poder liderar uma equipe na área do mercado imobiliário mesmo. Pretendo também desenvolver um trabalho no exterior. Ter a experiência de trabalhar fora. O pessoal da área Civil acaba tendo oportunidade de viajar bastante e trabalhar em obras de infraestrutura.

Quais são as habilidades que uma pessoa precisa ter para se dar bem em Engenharia Civil?

Uma delas é se dar bem com Exatas. A carga de Exatas é gigantesca.

A formação que você teve na Poli está de acordo com o que o mercado exige?

A Poli exige conhecimentos teóricos em exagero e foca pouco na parte prática, na parte do mercado mesmo. Saber lidar com equipe, trabalhar num projeto a longo prazo, não é foco da Poli. Mas a Poli também te ensina a se virar. Acho que o maior legado da Poli é você saber correr atrás das coisas, buscar aprender por conta própria, se precisar.

Como o Etapa foi importante para você, não só no vestibular, mas no seu dia a dia hoje?

O Etapa, por ser puxado, também te ensina a estudar. Você busca ter uma rotina um pouco mais aplicada de estudos. Se você estuda no Etapa, não tem jeito. Nem que não queira, você acaba sendo mais aplicado que o comum. Isso, com certeza, ajuda no dia a dia. Na faculdade, no trabalho.

Quais matérias daqui mais ajudaram em seu curso na Poli?

Matemática e Física, Química e Português são sempre importantes. Português ajuda sim. A base de Português do Etapa é bastante forte, você aprende a escrever, o que conta quando precisa fazer seus relatórios.

Quais recordações você tem do Etapa?

Fiz muitos amigos, as aulas eram excelentes. Se os professores da faculdade fossem como os do Etapa, seria um curso bem mais tranquilo.

Você tem amigos da época do colégio?

Tenho, inclusive muita gente foi para a Poli. Ainda guardo essas amizades.

O que você diria a quem quer prestar Civil?

Esta é a época de realmente dar um gás, estudar um pouco a mais do que já estudou no ano. Para quem quer Civil é uma boa oportunidade, o mercado ainda está bastante em alta. Hoje acho que é um curso mais concorrido do que quando eu prestei. Hoje já é prioridade número um de muita gente. Quem está querendo estudar Engenharia Civil está num bom caminho. O futuro é promissor.

O que mais você quer dizer para nossos alunos?

Acho que é hora de buscar apoio em amigos, família, para não desanimar. E dar bastante importância aos simulados, que ajudam a controlar seu tempo de prova, a parte emocional durante a prova. Eles ajudam bastante.